



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar – edição 2004

Confederação Nacional da Indústria, 16 de setembro de 2004

Meu querido Francisco Menezes, presidente da Comissão Julgadora e também presidente do Consea,

Meu caro Antoninho Trevisan, presidente do apoio Fome Zero,

Meu querido companheiro Graziano,

Graziano, faz um sinal para o Toninho Trevisan, que você não ficou chateado porque ele está reclamando para mim desde que sentou ali, que ele estava com o teu nome inscrito para citar e ele esqueceu de citar.

Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro Armando Queiroz Monteiro Neto, presidente da CNI,

Eu não sei não Armando, acho que eu sou o Presidente que mais veio nesta sede, aqui, em tão pouco tempo. Isso é porque eu sou do Partido dos Trabalhadores, então, eu venho.

É interessante, eu estava lembrando que o preconceito é uma coisa fantasticamente doentia. Eu já vim, aqui, acho que umas cinco vezes, e certamente viremos, Armando, quantas vezes tiver uma atividade que signifique um milímetro de avanço para o nosso país e para o nosso povo.

Tem muita gente que fala: “puxa vida, você já foi mais à CNI do que a outros lugares”. É porque nesta Casa tem acontecido alguns eventos importantes. Eu não esqueço nunca que o primeiro grande debate da campanha de 2002 foi aqui nesta Casa, e eu acho que foi o começo de como



mostramos, ao empresariado brasileiro, a seriedade com que iríamos governar o nosso país. Portanto, é um motivo muito grande de alegria estar aqui.

Quero dizer a todos vocês, que tudo isso que está acontecendo agora, não estaria acontecendo se não fosse a teimosia de alguns companheiros: do companheiro Graziano, que foi o coordenador do programa Fome Zero, ainda quando estávamos no Instituto Cidadania; se não fosse o Camargo, que quando a gente não tinha dinheiro, corria para pedir socorro a ele, para ajudar a fazer os seminários e os debates. Se não fosse a nossa querida companheira Maia, que foi quem mais ganhou com o programa Fome Zero, porque eu estou vendo, ali, que ela está grávida, vai ser mamãe. E a nossa querida Ana Cláudia, que está aí. São três pessoas que eu citei apenas, fora a Clara Ant e outros que ajudaram muito, mas se não fossem vocês a gente não teria... oh Belik, desculpa Belik, se não fossem os quatro, mais o Camargo, com um pouquinho de ajuda, a gente não teria isso, aqui, porque não teria o programa Fome Zero e conseqüentemente, nós não estaríamos festejando.

Segundo, eu acho importante atentar para o que aconteceu, aqui, hoje. Nós estamos a poucos dias de uma eleição municipal no Brasil, e eu quero mostrar aqui a lisura da Comissão Julgadora. Dos 11 prefeitos que receberam o prêmio, três são do PT; três do PSDB, dois do PFL, um do PSB, um do PMDB e um do PPS. Por isso, meus parabéns à Comissão Julgadora, porque fica demonstrado com o resultado, que o critério não foi ideológico. Foi um critério que levou em conta a seriedade, o compromisso dos prefeitos e das prefeitas, sem que ninguém perguntasse a eles a que legenda pertenciam. É interessante vocês saberem também que dos 5.560 municípios, 383 se inscreveram e, desses, 11 foram premiados.

Eu quero começar – o meu discurso está escrito, mas eu estou improvisando – dizendo uma coisa para vocês: nós criamos, nestes dias, por proposta dessa turma toda que está aqui também, a Semana da Solidariedade Nacional. Eu estava imaginando que nós devemos criar um prêmio para



acompanhar o cumprimento das Metas do Milênio, que cuida da questão do emprego, da criança, da educação, da saúde. E se a gente não repartir essa responsabilidade com a sociedade, com os prefeitos, a verdade é que o governo federal não terá sequer como fiscalizar as boas ações que ele possa fazer.

Na medida em que a gente faça parcerias com as prefeituras, com as entidades da sociedade civil, a gente vai poder controlar melhor o dinheiro público e, mais importante do que controlar, vai poder ajudar melhor a utilização desse recurso público, para atender a uma demanda mundial. Porque os Presidentes foram a Roma em 2000 e assinaram o Compromisso do Milênio. Mas, muitos dos que assinaram, já não estão mais no governo, não se lembram mais. Os que entraram, sequer leram o documento das Metas do Milênio, então, também não têm compromisso. Portanto, alguém vai ter que assumir o compromisso.

Eu estou indo domingo para as Nações Unidas, lá nós vamos fazer um encontro com 56 chefes de Estado e de Governo para discutir a questão da fome e da miséria no mundo, na tentativa de criar um fundo. E eu vou levar como sugestão, que eles possam distribuir responsabilidade com os administradores municipais, com o chamado poder local, no cumprimento das Metas do Milênio. Senão, nós não vamos conseguir acompanhar corretamente e, se não fizermos isso, poderemos acordar daqui a algum tempo com muitos países em situação pior do que era em 2002.

Aí, meus companheiros ministros, eu penso que cada ministério vai ter que cuidar da sua área. Por exemplo, o Ministério da Educação vai cuidar da área da educação, premiar os municípios que melhor tiveram políticas educacionais; o da Saúde, na área da saúde; o do projeto Fome Zero, na área da nutrição, ou seja, eu penso que a gente pode conseguir um sucesso extraordinário na hora em que a gente mobilizar a sociedade e co-



responsabilize os administradores públicos, governos estaduais, prefeituras, ministérios, secretarias.

Isso é importante, porque no começo as pessoas não vêm, ficam com medo, acham que isso é coisa do governo, “que quer me cooptar, eu não vou nisso, eu não vou me inscrever”. Depois, é que nem vacina para criança: chora, chora, e depois as pessoas percebem que não doeu nada. Ou seja, vocês participaram, é uma coisa gratificante, é motivo de orgulho para cada um de vocês que receberam um prêmio que não tem valor monetário, mas que tem valor moral, e muito dinheiro não pagaria o tratamento que vocês deram a uma coisa que todo mundo deveria dar, que é cuidar bem dos poucos recursos que a gente tem para a merenda escolar, e, se não tem, arrumar outra coisa para fazer, como fazer uma horta, etc. Vocês são exemplos de como o Brasil pode ser muito melhor, na medida em que todos, um belo dia, acordem e, falem: hoje, vou ser melhor do que eu fui ontem, e, aí, o Brasil começará a andar muito rapidamente.

Meus parabéns a todos vocês que ganharam o prêmio. Espero que isso motive outros a entrarem, a participarem no próximo ano. Outra coisa que eu pensei que o Chico ia falar e não falou, é o seguinte: quando o Graziano me propôs, ainda no ano passado, que a gente deveria estender a merenda escolar para as crianças de creche – hoje tem quase 1 milhão de crianças – ele me propôs que a gente deveria aumentar de 0,6 centavos para 0,13 centavos a merenda da pré-escola. E eu falava: Graziano, não é possível. Como é que a gente...o que são 7 centavos de aumento? Seis centavos de aumento? É uma coisa tão absurda! Aí ele falava: “dá, pode ficar certo que é um bom aumento”.

Eu nem tive coragem de fazer um ato público, eram tão poucos centavos, que eu não quis fazer. Depois me apareceu o Chico Menezes dizendo: “Presidente, eleva, pelo menos para 0,15 centavos de real a merenda escolar”. Eu falei: é um absurdo isso. Ele falou: “não, já ajuda bastante”. Para o ano que vem, nós vamos elevar para 0,18 centavos e nós vamos recuperar.



Por que recuperar? Presta atenção numa coisa: quando foi criada, em 1993, a merenda escolar, a parte do governo federal, significava 13 centavos de dólar, porque o real era igual a um dólar. Ora, quando houve a desvalorização cambial em 1999, o nosso dinheiro deixou de valer um dólar e nós precisávamos de 4 reais para comprar um dólar. Significa que desvalorizou quatro vezes o nosso dinheirinho, os nossos 0,13 centavos, e isso não foi ajustado, até essa medida que nós tomamos para ajustar.

Eu penso que esse reajuste que foi feito é pouco diante das necessidades que nós precisamos, mas ele é muito diante do tempo que ficamos sem aumentar a merenda escolar.

Eu acho que o Toninho Trevisan não ficou bonito. Não é verdade o que ele disse: “eu sou bonito porque comi”. A verdade é que as crianças ficam mais bonitas quando comem. Não é o teu caso, você já não teve mais recuperação – a merenda escolar chegou tarde para ele – mas a verdade é essa, é uma coisa tão simples, tão barata e tão fácil de fazer que é inexplicável que não tenha sido feita há muito tempo.

Eu acho que a gente precisa todo dia levantar de manhã, com a vontade de reciclar a nossa cabeça. Nós temos que reciclar a nossa cabeça, reciclar muitas vezes o nosso comportamento, reciclar as nossas decisões anteriores, ou seja, o ser humano não tem que ter medo de ser uma eterna metamorfose ambulante, sempre tentando mudar, inovar, para que a gente possa usar da nossa criatividade, exercitar a nossa mente o máximo possível, para que a gente possa todo dia deitar a cabeça no travesseiro e dizer: “hoje, eu ganhei meu dia honestamente e durmo com a consciência tranqüila, porque eu fiz o certo”. O errado é muito fácil fazer.

Eu era muito pequeno e minha mãe dizia assim: “meu filho, a verdade fica engatinhando e a mentira corre de avião”. As coisas fáceis de fazer, as coisas sérias, são, eu diria, às vezes muito difícil. Agora, a coisa errada está ali,



se a gente não faz a coisa certa pode ver que vai aparecer um diabinho tentando convocar alguém para fazer a coisa errada.

Fiscalizar os nossos secretários que cuidam disso, é uma obrigação nossa, porque o dinheiro não é nosso. A prefeitura não produz dinheiro, o governo do estado não produz dinheiro, o Presidente da República não produz dinheiro. O dinheiro é gerado pela capacidade contributiva e produtiva deste país. Então, na hora em que a gente recebe o dinheiro, nós não estaremos fazendo nenhum favor de devolvê-lo de forma honesta para quem pagou o dinheiro para o próprio governo. É uma coisa que não é motivo até de ser elogiada, é nossa obrigação moral ser honestos com um dinheiro que não é nosso. Eu diria que é mais do que uma obrigação moral, é uma obrigação ética, a gente ter esse comportamento.

Então, eu acho que este dia de hoje, Toninho, é marcante, porque é o início de um novo momento, de uma nova relação em que a gente vai ensinando e aprendendo. Daqui a pouco todo mundo que participa da administração pública perceberá que é melhor ser honesto do que desonesto.

Então, eu acho que este é o desafio que está sendo colocado para nós, e eu sou da tese que sem a sociedade civil a gente não consegue fazer as profundas mudanças que o país precisa. Sozinho, o Estado pode fazer todas as promessas do mundo, mas num país do tamanho do Brasil, heterogêneo como o Brasil, diversificado culturalmente como o Brasil, ou a gente envolve a sociedade organizada para ajudar as coisas a darem certo ou nós demoraremos muito mais para encontrar uma solução.

O programa Fome Zero conseguiu sensibilizar a sociedade. Eu me lembro que vi o Gabriel, que era presidente da Febraban, da poderosa Federação dos Bancos brasileiros, participando de um agrupamento de empresários que resolveu fazer doação em dinheiro para construir cisternas no Nordeste, na região do semi-árido, e pasmem, não só deram o dinheiro, como um belo dia eu fui visitar uma cidade muito pobre no estado da Paraíba, e eis



que eu encontro lá o nosso querido e mais outros banqueiros que tinham dado dinheiro, que tinham contribuído. Eu tenho certeza de que naquela noite eles dormiram muito mais felizes, vendo que um centavo que eles tiraram e que não fazia falta nenhuma, tinha dado a possibilidade de um cidadão ter água para beber, durante pelo menos alguns meses. Por isso é muito melhor a gente ser bom, é muito melhor a gente ser honesto, é muito melhor a gente ser justo.

Eu quero dizer para vocês que a gente pode fazer muito mais. Meu querido Marcos Winter, nós poderemos fazer muito mais. Eu estou, hoje, convencido que as melhores soluções estão em medidas simples e muito fáceis. Eu estou muito convencido de que a gente ainda vai descobrir, com o passar do tempo, que há métodos e metodologias que fazem as coisas andarem, porque muitas vezes a máquina pública – vocês têm isso nas prefeituras – muitas vezes a máquina pública é como se fosse o piloto automático de um avião, ou seja, está tudo escrito no manual, então, cada um que entra vai seguindo o manual, “pode, pode, não pode, não pode”, ou seja, é o mesmo tratamento, são as mesmas coisas, da forma mais insensível e mais burocrática, sem analisar “cada pode” e “cada não pode”, porque, muitas vezes, o “pode” e “não pode”, dependem da situação do pessoal ou da pessoa que nós queremos atender.

Eu estou convencido de que é um processo difícil, mas a gente vai ter que ir mudando. Cada vez que a gente muda uma coisa, você tem que ir atrás, porque se não for atrás, pára. Esses dias eu estava conversando com o meu amigo, presidente do Banco de Desenvolvimento, e fiquei assustado porque ele me disse que um empréstimo demora 210 dias para saber se “pode” ou “não pode”. E tem justificativa para isso, porque tem uma rotina. Tem uma rotina que tem que ser cumprida, isso tem que passar por 50 pessoas. Uma vez o prefeito de São Bernardo, o Maurício Soares, que era do PT, e que agora não é mais, mas continua sendo nosso companheiro, acompanhou um processo que passou por 36 pessoas. É um tal vai e volta, é um dilema com que todos nós,



que estamos na máquina pública, do menor município brasileiro ao governo federal, vamos ter que nos preocupar: em como fazer que as coisas aconteçam mais rapidamente, que o dinheiro chegue mais rapidamente, porque tudo isso ficaria mais barato, daria mais resultado, e poderia nos ajudar muito mais.

É um desafio que não é do Presidente da República. É um desafio que é de cada um de nós, do mais humilde ao mais rico cidadão brasileiro. Mudar hábitos e costumes não é uma tarefa fácil em lugar nenhum do mundo.

Vocês perceberam que, quando Oswaldo Cruz foi dar a vacina contra a febre amarela no Rio de Janeiro, houve quase que uma revolução para ninguém tomar a vacina, porque imaginem o cidadão inventar uma coisa que vai curar o cidadão e, na hora que vai dar, o cidadão não quer aceitar, porque é contra. Imaginem mudar hábitos e vícios de pessoas que estão há 30 anos, 40 anos, acostumados a fazer a mesma coisa.

É um desafio e eu acho que esse exemplo de vocês, hoje, mostrando que é possível, com pouco dinheiro e com criatividade, envolver a sociedade, envolver os empresários, deu para que, dentre os 383 prefeitos que se inscreveram, vocês fossem os 11 premiados.

Meu querido Trevisan, anulei o meu discurso por escrito, quebrei o protocolo, mas de qualquer forma, quero terminar dizendo o seguinte: vale a pena a gente fazer as coisas certas, vale a pena a gente procurar fazer as coisas corretamente a cada dia. Eu nunca vi ninguém arrependido por ter feito a coisa certa. Quem já viu alguém dizer: “puxa vida, hoje eu estou arrependido, porque fiz tudo certo”. Todo mundo fica arrependido quando faz uma malandragem qualquer e começa a ficar com medo que alguém descubra.

Então, vocês fizeram a coisa certa, meus parabéns, e espero que o exemplo de vocês sirva para os 5.556 prefeitos deste país.

Toninho, meus parabéns pela idéia criativa desse prêmio. Não sei se vocês, em algum momento, sentiram o orgulho que eu senti quando vieram aqui na frente, hoje. Não é nenhuma nota de cinco, nenhuma moeda de ouro. É



um negocinho de vidro, com um bonequinho do Ziraldo, mostrando que valeu a pena vocês serem eleitos prefeitos, serem honestos e bons com as crianças das suas cidades.

Meus parabéns, espero que ganhem novamente no ano que vem, até porque vão ter que fazer muito mais agora para ganhar o prêmio no próximo ano.

Sorte para todo mundo.